

APRESENTAÇÃO

*Será lícito extrapolar do discurso científico
uma imagem do mundo
que corresponda aos meus desejos?*
Ítalo Calvino

A epígrafe de Calvino, entre os trilhos da exatidão e as trilhas que conduzem ao que permanece lacunar e fragmentário, abre o número 52.1 de *Trabalhos em Linguística Aplicada*. A pergunta do escritor permite-nos pôr em foco a *verdade* que *busca a pena* de cada pesquisador nos nove trabalhos originais de autores brasileiros e estrangeiros que investigam as relações de professores e alunos com as línguas – estrangeiras ou maternas –, segundo perspectivas disciplinares e abordagens metodológicas diversas.

O ensino da língua inglesa, com seus sucessos e fracassos, é o foco dos três primeiros artigos, que oferecem a nossos leitores diferentes narrativas de suas experiências na área. Dois trabalhos concentram-se mais precisamente nos caminhos percorridos pelos professores na sua própria formação, discorrendo sobre as condições sociais e psíquicas que constituem seus projetos pedagógicos. Os dispositivos didáticos são o foco de três artigos que nos presenteiam com relatos de casos que apontam caminhos alternativos para o *métier* do professor, dividido entre a mestria, a arte, a prática e a negociação, dentro e fora das salas de aula. Encerra este número um artigo que reflete sobre a questão sempre intrigante da relação entre as teorias estabelecidas – parte do discurso científico – e as teorias pessoais no trabalho dos professores.

O grande número de pesquisas com foco no impacto do planejamento em aprendizagem mostra de que forma essa ferramenta pedagógica pode levar os aprendizes de língua estrangeira (L2) a ultrapassar limitações relativas à sua capacidade de memória e a melhorar seu desempenho. *Working Memory Capacity and L2 Speech Performance in Planned and Spontaneous Conditions: A Correlational Analysis*, de Maria da Glória Guará-Tavares, da Universidade Federal do Ceará (UFC), investiga a relação entre capacidade de memória de trabalho, planejamento pré-tarefa e desempenho oral em L2. O trabalho mostra que, embora estudos realizados em condições de planejamento tragam evidências de que a aquisição de fluência

e complexidade se dá em detrimento da perda da precisão, a performance oral sem nenhum planejamento tende a ser mais difícil para muitos aprendizes. Os resultados obtidos apontam para uma complexa relação entre capacidade de memória de trabalho e desempenho oral em L2, e é com essa interferência de múltiplos fatores – entre eles o “controle” dos afetos –, que a autora lida em sua análise.

...aí tinha aquela coisa do verbo to be, eu nunca aprendi, mas eu fiquei... o ensino médio inteiro aprendendo verbo to be.../ era um falso inglês... / noções básicas, tipo, cores e essas coisas assim que todo mundo sabe... / tipo good morning /...no curso de Letras, eu pensei que fosse começar do início, aquela coisa mais básica... / Eu me sentia como uma criança nas aulas, começando do zero, porque eu já tinha uma base... Eis aí, nas palavras dos alunos de cursos de Licenciatura da Faculdade de Letras da UFCG, uma visão do ensino de inglês na escola pública e na universidade, passando pelos cursos de línguas; uma visão marcada pelo insucesso na aprendizagem, desgosto ou desinteresse pela língua, insatisfação com o ensino. De resistências à aprendizagem da língua inglesa é o trabalho de Rosane Rocha Pessoa e Joana Plaza Pinto, ambas da Universidade Federal de Goiânia (UFG), proposto como uma iniciativa para compreender a circulação de discursos de alunas/os sobre a língua inglesa, sua relação com essa língua e as razões pelas quais desistiram de estudá-la. Os resultados mostram que muitos desses alunos tinham uma visão idealizada da língua e do curso (entre começar do “zero” e levar adiante estudos já realizados), outros se sentiam constrangidos diante de colegas com maior competência linguística ou simplesmente obrigados a estudar a língua. A resistência percebida pelas autoras afirma-se, portanto, nessa ambivalência; é com ela que a pesquisa se propõe a trabalhar, e esse passo pedagógico pode ser de grande ajuda para uma reflexão mais crítica sobre o fracasso, além de ser um convite ao engajamento na luta pela viabilização de políticas linguísticas no tratamento da e com a língua inglesa.

O artigo de Walkyria Magno e Silva, Larissa Dantas, Maria Clara Vianna Sá e Matos, e Marja Ferreira Martins, da Universidade Federal do Pará (UFPA), recorre a um agente de aprendizagem como forma de sanar dificuldades enfrentadas pelos estudantes de Letras com habilitação em inglês. O artigo *Aconselhamento linguageiro no processo de aprendizagem de inglês* é o resultado de uma experiência com o trabalho do conselheiro linguageiro, apresentado como aquele que pode ajudar o aluno a adquirir autonomia e a tornar-se consciente de suas representações, crenças e atitudes em relação à língua inglesa. Em outras palavras, trata-se de uma forma de aconselhamento que, como explicitam as autoras, leva os alunos a “aprender a aprender”. Nos encontros para o aconselhamento, os objetivos são traçados de forma colaborativa, com destaque para a negociação, o treinamento, a transferência e a motivação. Esse novo tipo de mediador encontra resistências entre os alunos, mas também exerce uma influência positiva em sua autonomização e motivação, e é esse o foco do trabalho.

Haveria um modelo de educação superior capaz de acompanhar as transformações sociais superando a morosidade e a estagnação que vêm, há décadas, deteriorando a educação? Essa é uma entre outras sérias questões levantadas por David José de Andrade e Silva, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), em sua discussão dos pressupostos e implicações da possibilidade de implantação de um dos aspectos destacados pelos relatores do Parecer nº776/97, que direciona a construção e a flexibilização dos currículos: *estimular práticas de*

estudos independentes, visando uma progressiva autonomia profissional e intelectual do aluno. Percorrendo com o cuidado – o *perquirere* – do pesquisador os (des)caminhos históricos do tratamento da educação no Brasil, o artigo *Formação de professores de língua para a autonomia: o buraco é mais embaixo* explora, a partir de nossa muito precisa sabedoria proverbial, as contrariedades geradas nessa busca pela autonomia do discente e do docente, no desconforto de assumi-la de fato, na intensificação do diálogo com a comunidade interna e externa, na responsabilidade de oferecer uma resposta às reivindicações de todos os participantes-atores de uma ópera que não repita o auto vicentino da *floresta de enganos*.

É do lugar de professor que fala Newton Freire Murce Filho, da Universidade Federal de Goiás (UFG) no artigo *O “imperativo da aplicação” na formação de professores de línguas: uma discussão sobre Psicanálise e Universidade*. É uma experiência problemática com as avaliações de seu papel de professor-pesquisador em um curso para professores de língua estrangeira (LE) que leva o autor a refletir sobre sua prática e sobre a resistência dos alunos-professores às propostas apresentadas nesse curso. Convocados a refletir sobre a importância da linguagem na constituição das subjetividades daqueles que estudam ou que ensinam línguas, e sobre a relação entre língua materna e língua estrangeira a partir de uma perspectiva psicanalítica freudiana e lacaniana, os professores respondem perguntando pela utilidade dessa abordagem. Para que servem as teorias que não trazem embutidas nelas um conjunto de ‘modos de usar’? O diálogo entre ciência e desejo certamente não se encerra com uma resposta, mas permite que dele se tirem consequências.

“Reclamar é um ato de cidadania”. Eis o ponto de partida da sequência didática (SD) Carta de Reclamação - carta recebida, diagnosticada, trabalhada sistematicamente e a nós remetida pelo trabalho de Eliana Merlin Deganutti Barros, da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP) - campus de Cornélio Procópio. Por que a mobilização de memórias de aprendizagens, *gesto fundador* de qualquer trabalho docente, torna-se, ainda assim – ou por isso mesmo –, tema de pesquisa importante para a área de ensino/aprendizagem de línguas? É para essa, e para outras perguntas, que o artigo *Memória das aprendizagens: um gesto docente integrador da sequência didática* busca algumas respostas. Se, por um lado, os gestos didáticos de um professor podem, de início, imitar outros gestos (de ex-professores ou de colegas, por exemplo), tornando-se mecanizados, por outro lado, vão aos poucos incorporando as particularidades, fazendo-se estilo e passando a constituir uma *memória das aprendizagens* desse professor, os saberes acumulados e internalizados durante sua formação. O trabalho da autora propõe a mobilização dessa memória como um *gesto fundador* imprescindível para a integração das SDs (de que a SD analisada funciona como um modelo) e a regulação (e não regulamentação) do aprendizado – apresentando-se como mais um gesto didático que reclama atenção.

O artigo *Engajamento na perspectiva linguística sistêmico-funcional em trabalhos de conclusão de curso de Letras*, de Maria Otília Guimarães Ninin – da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP-COGAE) e da Universidade Paulista (UNIP-SP) e de Leila Barbara, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), tem por objetivo caracterizar e discutir a dialogicidade manifesta em diversas vozes nos textos produzidos por alunos de cursos de Letras, e contribuir para a orientação de professores que trabalham na orientação

de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC). O engajamento diz respeito às formas de posicionamento da voz textual na mobilização de outras vozes e a formas de adesão ao discurso dos autores que convocam para a sustentação do trabalho. O corpus analisado com rigor oferece uma visão das formas como os alunos se desobrigam de assumir sua própria voz no momento de articular os conceitos de que tratam, e oferece-se como ponto de partida para organizar estratégias de ensino para uma escrita acadêmica legitimada.

O ponto em torno do qual torvelinham as diversas questões levantadas por Daniel do Nascimento e Silva, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), é a constatação, a partir de uma experiência em sala de aula do curso de Letras, de que ensinar e aprender estão firmemente vinculadas a uma política de identidades. Como o próprio autor nos previne, a questão vem, há milênios, ocupando filósofos e cientistas, mas nem por isso conseguiu, sustentando-se na razão, dispensar a condição humana, seus desejos e afetos. *Diálogos intermúdiás, ou política de identidades em sala de aula*, trabalha os posicionamentos identitários que emergiram, em sala de aula e fora dela, na leitura e em comentários sobre textos de campos teóricos diversos que criticam, e põem em crise, significados raciais, geográficos e sexuais. Os inesquecíveis diálogos de sexta à noite como os batiza o autor e como os leitores poderão ver, não são tranquilos, não apaziguam – no vão entre *isso o funk não pode dizer, mas o Chico Buarque pode* há lugar para diálogo, há tensão, e há saídas.

As autoras Roxanna Carolina Correa Pérez, Mónica Tapia Ladino, Angie Neira Martinez e Mabel Ortiz Navarrete, todas da Universidad Católica de la Santísima Concepción, no Chile, trazem-nos o relato de uma pesquisa que investiga o saber-fazer dos docentes, ancorado em suas teorias pessoais sobre a escrita – em língua materna ou estrangeira –, além do saber constituído e legitimado como científico. *Teorías personales de docentes de lengua sobre la enseñanza de la escritura en sistema de educación pública chilena* desenvolve-se a partir de entrevistas com professores de inglês e de linguagem e comunicação, e tem por finalidade verificar de que formas as teorias pessoais incidem na própria atuação pedagógica desses profissionais, tornando-a, por vezes, mais difícil de elaborar.

Agradecemos a nossos leitores e leitoras por críticas e sugestões de publicações ou de temáticas de interesse para pesquisadores em LA e em áreas afins e desejamos a todos uma boa leitura!

A Comissão Editorial